

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sol nascendo em Minas. — Os tres discursos. — Collição infeliz. — Como se prova mais uma vez que o silencio é ouro.

O sol váe nascer ao poente, além dos azulados pincaros da Mantiqueira.

Bello Horisonte enfeitou-se com os sumptuosos ouropéis de ouro e purpura de uma aurora, precedendo com a sua pompa deslumbrante o «benedictus qui venit», o portador dos preciosos, dos divinos dons da esperança.

Era natural que os nossos olhos anciosos, os nossos ouvidos, palpitantes de curiosidade, se voltassem para aquelle lado da rosa dos ventos, donde véem os augurios de paz, de prosperidade, e acolhessem alvoroçados os echos fagueiros da rhetorica politica que alli teve, nestes dias, uma exhibição memoravel, cheia de surpresas, de lances commoventes.

Aquillo que mais nos impressionou, como a toda a gente que sabe ouvir e digerir as idéas comidas pelos ouvidos independentes do paladar e por isso capazes de devorar, sem repugnancia, os mais insulsos, os mais anodynos, como os mais condimentados quitutes do palavra, — o que mais nos commoveu foi a collisão das idéas de moderação com os irreprensiveis impetos de intolerancia, de radicalismo rubro.

O sr. João Pinheiro proferiu um hymno á paz, á harmonia das opiniões, á tolerancia dos paladinos de todas as crenças, de todas as convicções sinceras; percorreu com phrase repassada de doçura a luminosa série de gloriosas tradições nacionaes, continuadas nobremente, sem attrictos, sem perturbações, e prometeu ao seu povo um governo de amor, de respeito aos adversarios, de justiça aos correligionarios, como convinha a um estadista compenetrado da sua augusta missão de pastor de homens.

E o auditorio applaudiu calorosamente esse homem cordato, singelo na sua grandeza d'alma, modesto nos seus éstos patrioticos.

Coube, depois, a vez ao cidadão depositario neste momento das mais graves responsabilidades, ao homem que se figura carregando ás costas o «Blóco», como o Atlas mythologico (veja o sr. Pinheiro a que alturas o levanta a vertigem da rhetorica) carregou o Mundo, com todas as suas misérias, com todas as suas ambições, com todos os seus peccados e discordias, sem outro anhelos, sem

outro idéal, além do de manifestar a força herculea dos seus musculos de aço, o seu poder invencivel, inexoravel, esmagador. E os ouvintes ficaram hirtos de terror, recuaram num movimento instinctivo de defeza, ameaçados pelas injuncções imperativas do gigante que bastaria atirar sobre elles o «Blóco» para anniquilal-os, para eliminal-os sob omnipotente compressão...

Quem não é por mim, contra mim é; quem o inimigo poupa nas suas mãos morre: estes brocados da sabedoria popular poderiam synthetizar o cutilante discurso do bellicoso senador dos pampas.

S. ex. embotou a sua durindana de rija tempera, desfechando golpes n'agua serena, assumindo pictoresca attitude que Cervantes esboçaria com o grande traço, exhibindo-se em heróe iracundo, desvairado pela miragem de inimigos phantasticos, desafiando céos e terra, surprehendidos por essa provocação para uma peleja sem combatentes.

O nobre chefe olvidou, no impetuoso lance do momento, que estava alli representando uma colligação de partidos, uma harmonia de opiniões, vinculadas por uma transacção imposta por interesses superiores do momento, na hypothese mais amavel, ou por interesses subalternos de uma politica de curto descortino, na hypothese mais verdadeira. O «Blóco» representa, portanto, uma transacção; a sua argamassa é um concreto de tolerancias espontaneas ou forçadas, das quaes resultou a maioria com tendencias a unanimidade, uma vez que neste abençoado paiz já ninguem ouza lutar pelas convicções, e quando lucha morre...

Não é preciso grande esforço para verificar que nas entranhas rijas do «Blóco» estão em promiscuidade apertada os mais varios, os mais antagonicos elementos: ha alli dentro revisionistas, ha parlamentaristas, ha adversarios do Convenio de Taubaté, ha politicos que não entenderam ainda o mecanismo da Caixa de Conversão, ha livre-cambistas que não comprehendem esse empenho ruinoso de proteger industrias ephemerias ou nocivas, com sacrificio do contribuinte e da renda publica; ha, emfim, de tudo: opiniões de todos os matizes, asphyxiadas ou retraídas, transigindo em beneficio de um plano ainda não nitidamente definido.

Ora, si o «Blóco» é, na essencia, o producto de transacções, de tolerancias, sinceras ou hypocritas pouco importa, se nos figura que o homem, incumbido de carregal-o através dos accidentes e vicissitudes de politica, faltou ao seu programma

ou aventurou um passo errado e perigoso para quem leva tamanho pezo ás costas.

Deveria ter-lhe occorrido que, si a politica é a arte de governar os povos — phrase linda que tem cabellos brancos — é tambem verdade que os rebanhos de homens não se governam «a muque», aos violentos empurrões da intolerancia, sómente admittida no tempo em que se pelejava pela sustentação de verdades absolutas, como a existencia de Deus ou a immortalidade da alma: nações não se governam com paixão, nem os sceptros, em mãos democraticas, ou ungidos pelo direito divino, se pôdem transformar em cacete.

Os povos se dirigem com a justiça, presidindo á liberdade mental, que é dogma do credo democratico. Mais pôde a virtude dos governantes do que a sua força, geradora da tyrannia.

O preclaro chefe deveria ainda ponderar que, em politica, tudo é relativo. As idéas não são inscripções de marcos milliarios, surgem da evolução nacional, inspiradas pelas circumstancias, pelas exigencias do momento e, muita vez, do eventual. do imprevisto; são repellidas hoje para triumpharem amanhã. O que se figura, em dada occasião, precoce, pôde ser adeante opportuno. Das brumas das aspirações emerge a nebulosa da utopia, que se váe mais tarde consolidar em astro. E o bem publico, a prosperidade nacional devem ser os modificadores supremos, devem ser os factores essenciaes do exito ao qual se devem subordinar todas as actividades patrioticas divergentes nos meios, nos processos, mas tendendo para os mesmos intuitos, os mesmos idéaes.

O proprio «Blóco» estaria condemnado a ser

materia bruta na sua inercia esmagadora, si lhe não oppuzessem outro blóco, outra pedra, para produzir choques e luminosas scintellas.

Eis porque, com o devido respeito, pensamos que o discurso do illustre estadista de serra acima não foi propriamente feliz, muito embóra lhe reconheçamos o merito de uma franqueza violenta, carecedora do maior dos elementos da eloquencia — a oportunidade.

Si esse discurso foi uma intimação de quem quer, de quem pôde e de quem manda, ao futuro depositario da suprema auctoridade, elle falhou o alvo, porque o sr. Affonso Penna fugiu habilmente com o corpo para o rumo das generosas idéas do sr. João Pinheiro, as idéas de uma democracia que não seja uma confederação de tyrannetes, organizada para monopolizar o poder, tratando os adversarios como captivos, negando-lhe o direito de ter opiniões, de manter convicções contrarias ás do despotismo irresponsavel dos donatarios engordados na subserviencia aos mais fortes.

Sem ares de resposta ao pé da lettra, o discurso do futuro presidente da Republica foi uma contradicta formidavel ao nobre paladino da intolerancia musulmana e, como tal, repercutiu entre os francos, os sinceros applausos de todo o Brazil, alvoroçado por esse raio de esperanza do sol que vem de Minas.

Dir-se-ia que, através das palavras do sr. Affonso Penna, se lia a suggestiva ironia popular: — Fica manso, mano... Acostuma-te com a gente...

POJUCAN.

A PEQUENA GUERRA NAVAL

São de oportunidade, nesta phase de organização do Exercito e da Marinha, as idéas do sr. Lestonnat a proposito das grandes manobras da força naval, o fim dos exercicios em grande escala, os submarinos, as torpedeiras, os couraçados, expostas com muita observação em um artigo do *Journal*, de Paris.

Os exercitos fôram feitos para se baterem: esta verdade, que faria honra ao sr. de la Palice, não teve sempre a virtude de um axioma, e os exercitos fôram durante muito tempo instruidos mais para as paradas, do que exercitados para o combate. E' verdade que, então, se ia facilmente ás vias de facto e parecia por isso inutil simular acções que a irritabilidade dos governos e a irreflexão dos povos realizavam frequentemente. Entretanto, no fim do segundo Imperio, o marechal Niel, prevendo a terrivel conflagração de homens, pensou que um exercito com-

posto de soldados profissionaes, por mais bravos que fôssem, tinha necessidade de ser exercitado e reforçado: creou a guarda nacional mobil e organizou as primeiras grandes manobras que o publico baptizou com o pictoresco nome de—pequena guerra.

Poder-se-á applicar o mesmo nome ás grandes manobras navaes ha pouco realisadas no Mediterraneo, imagem reduzida e verdadeira quanto possivel da guerra do mar, na qual se bateram com intelligencia, com sciencia e corajosamente durante um mez. E si não é possivel acclamar os vencedores e honrar os vencidos, por causa das convenções necessarias, pôdem-se, pelo menos, felicitar os estado-maiores e as equipagens que deram provas de resistencia de bom agouro e de qualidades de manobras muito reaes.

As convenções são os moderadores dos conductóres de homens na pe-

quena guerra; são ellas que preservam os arbitros de qualquer conflicto com o orgulho humano que uma sentença baseada sobre a realidade exasperaria, aliás, inutilmente; não se pôde, todavia, conforme a idéa de um general humorista, carregar uma carabina com bala em cada pelotão, nem disparar um tiro de 305 de carga de combate a bordo de cada couraçado para tangenciar de mais perto os effeitos da batalha real e, justificando a reflexão, refrear os impetos que poderiam custar caro si o raio succedesse ao relampago.

A pequena guerra é, antes de tudo, manobra de instrucção em grande escala; tem menos por fim determinar a vantagem de tal força sobre outra, do que apreciar, em condições particularmente difficeis de execução, o gráu de instrucção do pessoal e o rendimento militar geral da força naval.

Seria perigoso tirar disso deducções absolutas tendendo a adopção definitiva de tal tactica, ou de tal typo de navio: ella é a applicação do ensino recebido pelos officiaes e guarnições, a verificação do valor, o esforço destacando o ponto fraco.

A tactica naval é uma arte que apaixona todos os marinheiros depois da guerra russo-japoneza; antes não a despresavam, era estimada e meditada; hoje, porém, é adorada como um Deus, o Deus da victoria representado na terra pelo almirante Togo. Chega a parecer que não ha, além delle, outro tactico naval no mundo. Muitos escriptores se manifestam grandes admiradores do almirante japonês, mas divergem quando se trata de definir rigorosamente a sua tactica. Parece que Togo não deu muito trabalho aos miolos para vencer; seria isso tempo perdido: aconteceu-lhe como a todos os grandes capitães, ter muita sorte, manobrar por instincto, sem se preoccupar com um plano detidamente elaborado: Togo não é um orthodoxo; a tradição não o paralyza.

Si a guerra russo-japoneza não forneceu indicações precisas sobre a tactica naval universal, demonstrou o que se podia tirar das unidades que compõem as esquadras modernas e, lendo os relatorios officiaes de Togo, chega-se a reconhecer que nenhum dos navios empenhados no combate deu o rendimento militar previsto, nem se mostrou de superioridade tal que os recommendasse como typo exclusivo do navio de batalha.

Não ha modas em arte militar. O poder de um exercito resulta do emprego judicioso de todos os elementos que o compõem. Mas si essa opinião é admittida para o exercito de terra, não procede quanto ao exercito de mar, como se pôde verificar nas alludidas grandes manobras, onde as opiniões divergiram sobre o valor dos differentes typos de navios de guerra. As preferencias do publico são pelos pequenos navios rapidos, as contratorpedeiras, as torpedeiras, e elle affirma grande confiança nos submarinos, navios mysteriosos, illuminados por uma aureola gloriosa sem que se tenha podido provar, até agóra, de maneira definitiva, o seu valor militar.

Não se passa uma semana que não se registre uma nova façanha de submarinos; não ha um couraçado que não tenha sido torpedado por elles vinte vezes. Esses successos de estima nada provam e, em tempo de guerra, seria necessario mudar de tom si, cedendo aos cavalleiros da marinha, déssemos preponderancia aos submarinos na composição da nossa esquadra de combate. Mereceram applausos as manobras audaciosas desses microbios do mar, porque a sciencia de seus commandantes, o sangue frio e a confiança de suas guarnições foram, na verdade, admiraveis, qualidades que constituem quasi toda a nossa superioridade sobre as ontras potencias no que concerne á navegação submarina. Mas isso não passou de brilhantes exercicios, de uma especie de *sport*.

O auctor dessas observações achava-se, ha algum tempo, a bordo de um cruzador em caminho para Toulon, navegava em linha com um couraçado que precedia a 400 metros. Sabia-se que submarinos deveriam atacal-os sem indicação exacta do sitio do encontro, tendo sobre os navios grande vantagem, conhecendo-lhes o caminho obrigatorio. Um delles foi avistado muito longe, no momento em que mergulhava; o segundo foi percebido pela trajectoria do torpedo lançado ao couraçado, indicada na superficie do mar pelo ar escapado do recinto do motor; o torpedo attingiu ao alvo; o couraçado foi, theoricamente, mettido a pique.

Um instante após, viu-se de bordo do cruzador o torpedo vir sobre elle e bastaria mudar um pouco de rumo para evital-o. Sendo interpellado a respeito, o commandante respondeu que nada seria mais facil do que evitar o ataque dos submarinos, depois de descobertos, mas de maneira alguma modificaria o seu rumo: poderia mettel-os a pique. Deixamos-lhe essa satisfação de amor proprio.

O submarino, antes de atacar, faz uma rapida appareição para ver o rumo do inimigo e mergulha. Suppondo que nesse momento o navio ameaçado modifique a sua direcção, qual é o resultado? Si elle fizer um angulo ou uma evolução para fóra da linha seguida, o submarino falla e será ne-

necessario recommençar o ataque; si effectuar um movimento para dentro da linha, entre esta e o ponto de immersion do submarino, arrisca-se o navio a mettel-o a pique, porque elle, encontrando-o mais depressa do que esperava e não enchergando, pôde esmagar-se de encontro ao costado. Este facto se deu recentemente, não tendo consequencias graves, graças ao sangue frio do commandante do submarino. Dahi a preferencia da noite para o ataque pelos submarinos.

E' o que se faz, e dá-se, então, um verdadeiro massacre de couraçados porque os submarinos sabem sempre onde se acham os grandes navios, coisa que não acontecerá em tempo de guerra. Não se cogita dos torpedos de bloqueio que o inimigo, com certeza, semearia deante de seus portos desde a declaração da guerra, talvez antes; centenas dessas machinas infernaes pôdem ser lançadas n'agua em profundidade e sitio determinados em menos de uma hora, podendo-se, assim, fechar um porto como Cherburgo. Que succederia si os submarinos caíssem nessas armadilhas? Destruído um, os outros não ousariam avançar sem estarem desobstruidos os canaes do porto.

O que se acaba de dizer dos submarinos se applica, em parte, ás torpedeiras, cujos successos, até agóra, tem sido mais sportivos do que militares. Ellas transformam o casco dos couraçados em escumadeiras a golpes de torpedos; lançam-se a toda força sobre uma esquadra que nada pôde fazer para detel-as e cuja massa de navios se destaca nitidamente na escuridão da noite; chegam ao alcance do lançamento; apitam; o couraçado está torpedado. Em combate o caso não seria tão simples; as torpedeiras não conheceriam a posição do inimigo, que não desfilaria em grupo compacto, á vista das costas, expondo-se benevolmente aos ataques.

Em manobras, basta dar prova de qualidades médias; os exercicios não se prolongam de mais e os resultados são préviamente conhecidos. Em tempo de guerra, será necessario explorar o mar durante todo o tempo, passar as noites fóra, em busca do inimigo invisível, através da chuva e da bruma e,

ao avistal-o, ir direito sobre elle a toda força, no raio luminoso, offuscante dos liolophotes, sob o fogo constante da pequena artilharia, da qual um só projectil basta para pôr fóra de combate uma torpedeira e, nessa confusão, escolher o momento preciso; o segundo em que o lançamento se pôde effectuar com probabilidade de exito, porque, passado esse instante, se tem de começar de novo deante de quarenta cauliões a vomitarem projectis.

Deve-se considerar que Togo levou quatro dias com cinco esquadilhas de torpedeiras para lançar dois torpedos ao *Sebastopol* e que os russos, encerrados em Porto-Arthur, dispondo tambem de torpedeiras, jámais conseguiram um ataque effectivo aos navios japonezes.

A apreciação das distancias durante a noite, que representa um importante papel no ataque pelas torpedeiras, é muito difficil; pôdem-se dar enganços de duzentos a trezentos metros, tres vezes mais do necessario para falhar o alvo.

Do exposto não se segue que os submarinos e torpedeiros sejam inúteis; empregados em condições bem determinadas, em numero sufficiente, poderão prestar excellentes serviços; mas a convicção de todos os que leram o relatório da guerra russo-japoneza, é que o couraçado deve ser a unidade principal dominante de uma esquadra, porque os poderosos navios são os unicos proprios para o ataque, capazes de fazer a guerra ao longe, de ir em busca do inimigo. A defensiva, tão apreciada pelos partidarios exclusivos dos pequenos navios, é uma burla. Quem dá o primeiro golpe é o mais forte e tem mais certeza de vencer.

LESTONNAT.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, sr. Walfrido Ribeiro.

O UIRAPURU' (3)

NOVELLA PARAENSE

POR
DOMINGOS OLYMPIO

V

A noticia do casamento alastrou pela cidade com a rapidez de um caso de sensação, surpreendente, provocando comentarios favoraveis á subita resolução de Placido, celibatario aferrado ao seu egoismo recalcitrante, acostumado a repetir que só cazaria tirado por justiça. Não fóra necessario violental-o; sem se saber como, nem porque, de um momento para outro, o homem caíra como um patinho, renegando todas as suas idéas, todos os seus principios, seduzido por uns lindos olhos.

— Que esperanza! — observou alguém — Aquelle mesmo não é disso. Alli houve interesse, interesse grosso para tirar aquelle homem do seu socego, dos seus habitos, como quem arranca um dente do alveolo.

— Os homeus daquela tempera — observou outro — muito calmos, muito methodicos, tem venetas: deu-lhe uma para o casamento...

— Que veneta!.. O Placido é muito acantelado. As idéas ficam-lhe de mólho no cerebro, como mandioca puba, até amollecere; entram depois para o tipity onde são espremidas, ficam bem seccas, formando a massa que váe depois ao forno para dar excellentes fariuhas. Aquelle não é de repentes, nem de precipitações. Esse casamento foi resultado de muita reflexão, de amadurecido estudo e deve ser um passo muito acertado para a situação definitiva, para a verdadeira felicidade de um varão sério, conceituado, geralmente estimado por suas qualidades de coração e de caracter.

— Aquelle *songamonga* — concluía um maldizente — não mette prego sem estopa. Vão ver que arranjou caladamente a vida.

De todos os comentarios resultava que, com aquelle espirito de ordem, predominante no seu cerebro perfeitamente equilibrado, sempre calmo e ponderado em todos os seus actos, era persuasão unanime dos amigos, da nata da sociedade, de ter Placido escolhido com seguro criterio a companheira de sua vida. As suas qualidades de homem de negocios, de amigo precioso, se desdobrariam em admiravel destaque na situação de chefe de familia exemplar, de raro typo de esposo e pae. Além disso, dispondo de pequenos e solidos haveres accumulados com o mais honesto, o mais tenaz esforço, accrescidos com a legitima paterna da noiva em apolices e propriedades de valor, estava per-

feitamente aparelhado para organizar a familia sobre os mais solidos fundamentos. Não era um romantico, desses que se atiram ao casamento, um impeto de paixão, sem se apparelharem para defrontar os accidentes, a face pratica da vida, sem pensar nos meios financeiros, no preço da carne, da farinha, nos graves onus do lar.

Placido acolhia desvanecido, muito coumovido, os applausos, como propiciós vaticinios de ventura, impirados pela bondade dos amigos. Um acto approved por tanta gente querida, pelas pessoas mais notaveis, de melhor posição social, deveria certamente ser um incoutestavel acerto, satisfazendo plenamente todos os seus escrupulos de consciencia da grave responsabilidade assumida. Mas uma impertinente sombra de desconfiança empanava o fulgor da sua felicidade e augmentava de espessura tristonha á proporção que se approximava o dia do casamento e mais intiuas se tornavam as suas relações com a noiva. Passado o deslumbramento da primeira impressão, elle era assaltado pelo secreto terror do irrevogavel, e o futuro se lhe figurava uma aventura perigosa, uma empreza na sombra mysteriosa de caninhos desconhecidos, sem garantias de exito. Elle, que sempre transigira deante dos obstaculos para se poupar á pena de transpol-os, que recuára com dignidade e prudencia para evitar choques perturbadores dos seus habitos tranquilos e modestos, achava-se, subitamente, na contingencia de admittir no laborioso processo de sua felicidade um factor novo, um elemento ignorado, a lhe alterar todos os calculos, um factor, cuja acção seria, talvez, desorganizadora, discordante de idéas já conquistadas porque nada lhe faltava para viver bem, numa ambicionada satisfação de gozos commedidos. Além disso, uma esposa, surgindo naquelle trecho da vida, no crepusculo das illusões, dos sonhos da mocidade, poderia parecer uma innovação luxuosa, um capricho de curiosidade pueril de celibatario, embotado pelas frequentes libações de fezes enjoativas sedimentadas no fundo da taça dos prazeres faceis ou mercenarios. A' grande maioria dos enlances matrimoniaes preside um impulso de cobiça, de curiosidade sensual, que se figura amor e se esváe após a saciedade. Estar-lhe-ia reservada uma decepção tremenda, o arrependimento irremediavel, essa impressão de asco que é a punição da lascivia? Teria aquelle amor ignorado, o amor legitimado, consagrado, attractivos superiores aos banaes, ou suggestivos encantos ephemeros da plastica? Haveria, além do abalo sensual, inebriante, além dos enlevos da paixão, alguma coisa de immaterial,

de divina essencia que identificasse duas almas no mesmo sonho, no mesmo anhelo como particulas do mesmo sêr?

— Quem pensa não caza — dizia ella, repellindo essas insistentes sombras de duvida — A palavra está dada; é impossivel retroceder. O futuro a Deus pertence...

— A Deus e á sorte — accrescentava elle, mentalmente, para evitar o echo dessas palavras que lhe traíam o fundo de fetichismo, a confiança na estrella propicia que o acompanhára sempre na estrada da vida a deslizar serenamente, silenciosamente, como os igarapés sob abobadas de folhagem impenetravel, abrigados dos raios do sol, das convulsões das tempestades.

VI

Placido não oppuzera resistencia á condição de morar com a sogra, trausigira tacitamente, sem perder a esperanza de convencer-a a mudar de plano. Achava, todavia, muito justo, muito natural, o empenho de não se separar a mãe da filha unica; seria uma crueldade submeter a excellente seuhora ao sacrificio de viver solitaria, entregue aos cuidados mercenarios da creadagem, privar-a do carinho e do conforto da familia. E previa ser possivel, mais tarde, com geito, com persuasivas maneiras, levar-a para a rocinha magnifica que elle construíra para servir de ninho e tumulo nos arrabaldes da cidade, no pictoresco bairro de S. João.

Por feliz coincidencia, no dia em que elle se dispunha a abordar esse assumpto com argumentos inexpugnaveis para convecer a futura sogra, muito voluntariosa, muito teimosa, Affonsina manifestou o desejo de couherer a casa do noivo. E ficou ajustado que almoçariam juntos no domingo seguinte, iriam provar a cosinha do solteirão, da qual ellas faziam a mais desfavoravel idéa.

Severa, extranha no projecto de casamento que Placido lhe não ouzára communicar, ficou muito alvaroadada com o aviso da visita e entrou logo numa azafama de arrumar a casa, de preparar quitutes que commoveriam o mais embotado paladar, uma espessa canja de gallinha, tainhas moqueadas com mólho de camarão, casquinhas de carangueijos recheiados, um gordo quarto de paca com mólho de maniva e tucupy e um marreco com arroz.

Ao amanhecer, fluctuavam no mastro de traquite, armado na entrada do jardim, uma bandeira imperial no tópe e as insignias da Empresa, na extremidade das vergas, como acontecia nos dias de festa. A casa, toda aberta, parecia sorrir de alegria. A meza foi posta com bellissima toalha

de linho adamascado, crystaes finissimos, rara porcellana esmaltada, prataria de antigo estylo, flôres, bogarys e jasmíns de suavissimo perfume. Placido incumbiu-se do arranjo da sala, aliás mantida em permanente ordem e meticoloso aceio; pôz flôres frescas nas jarras, corrigiu a posição dos quadros, entre os quaes havia télas de valor, bellas copias de auctores celebres, uxa Magdalena de Carregio, uma tentação de Santo António, o Idyllio do Paraíso; endireitou os moveis, despiu o piano, que podia funcionar á mauivela e figurava como ornamento e testemunho da paixão pela musica.

Dando a ultima demão á cosinha, Severa, desconfiada dos modos do patrão, resumneava:

— Aqui ha novidade... Nhô Placido viu passariinho verde. Elle nunca andou assim tão atarantado... Querem ver que lhe botaram feitiço? Credo!..

E limpando com as costas da mão lagrimas irrepressiveis que se não sabiam serem filtradas de um pensamento funesto, ou produzidas pela fumaça, a preocupada mulata andava de um para outro lado na cosinha, levemente enfumarada, descobrindo caçarolas donde evolavam, em nuvens de vapor, os perfumes dos mólhos, dos assados a chiarem, assanhados pelos movimentos da colher de páu, que piugava os mólhos na palma da mão, onde Severa os lambia e os approvava com um gesto de satisfação.

Placido consultava, impaciente, o grande relógio, sentia calafrios ao menor rumor vindo da rua, tal era a anciedade de ver a noiva no amado e bello refugio de homem solteiro. Antegozava certo orgulho em demonstrar-lhe que, ao contrario dos refractarios ao casamento, consagrara acurada atenução ao conforto domestico. Isso poderia concorrer para induzir a futura sogra a abandonar o plano de residir na cidade, num sobrado entalado entre dois predios, na rua da Cadêa, infestado de mosquitos, trepidando á passagem dos bondes, inundado de poeira e devassado pelos visinhos.

A's dez horas em ponto, parou de frente da rocinha uma carruagem guiada pelo *Toucinho*, cocheiro nédio, gordo, vermelho, o mais popular automedonte de Belém. Placido correu ao encontro dos convidados, mas estacou ante um personagem desconhecido. Um bello moço, trajando com requintada elegancia ajudava d. Amelia e Affonsina a se apeiarem, a mãe, colhendo as dobras largas do custoso vestido de gorgorão negro, a filha, simplesmente vestida de cassa côr de rosa, leve como uma nuvem e

chapéo de palha profusamente enfeitado de flôres.

— Meu sobrinho Joannico — disse d. Amelia, apresentando a Placido o guapo cavalheiro — Chegou esta manhã da Europa, oude foi completar a educação. Formou-se... formou-se... Em que Joannico?

— Em agrououonia — respondeu elle, curvando-se com maneiras modestas.

— Muito prazer teuho em conhecê-lo, doutor — murmurou Placido, um tanto desconcertado.

— Viemos pelo caminho — continuou o doutor — falando do senhor. Minha tia e a priminha lhe fizeram as mais amaveis referencias.

— Que achas, Joannico? — inquiriu Affonsina, sorrindo.

— Um *gentleman* — disse promptamente o primo — Empolgou-me de sympathia no primeiro encontro.

— Ah, seu Placido — observou d. Amelia, limpando o suor que lhe perolava o rosto aquecido — Que soalleira, que casa afastada. Daqui á cidade deve ser uma legua. Não sei como tive coragem de morar neste deserto!..

— Bonito sitio! Não é, mamãe? Que delicia!.. Que bellos jasmíneiros!.. — ia observando Affonsina.

E fôram entrando: Placido conduzindo a noiva; Joannico ajudando a tia, que andava de vagar, entorpecida pela viagem.

Presentindo pessoas extranhas, os molossos eucerrados em canis de téla arame, entraram a ladrar enraivecidos; *Negrinha* correu, aos saltos, ao encontro das visitas; tentou beijar as mãos de Affonsina, aggreuiu a mãe gyrando-lhe em torno com mil trejeitos, com inoffensivos latidos de alegria. D. Amelia embirrava com os cães cariciosos, recuou com repugnancia e ameaçou a cadellinha com o chapéo de sol.

— Não tenha receio — observou-lhe Placido — E' o mais docil, o mais intelligente animal do mundo... Já *Negrinha*, já calada!

E a pobre, com ares de arrependimento e de susto, foi, quasi de rôjo, escouder-se encolhida num canto sombrio do jardim, pois o amo só lhe falava assim quando ella perpetrava alguma travessura.

Ao entrarem no salão, os primos examinaram os quadros. D. Amelia, approximando-se para verificar o que lhes attraía a attenção, estacou estupefacta ante um quadro escandaloso. Não podia admittir que o futuro genro ouzasse expôr com tamanha semceremonia mulheres nuas, desenvoltas, cercando em attitudes provocadoras o pobresinho de um santo frade. Aquillo era uma indecencia, uma falta de respeito á Religião. Eu

vão, o sobrinho, comprehendendo os melindres da tia teceu exaggerados elogios ao quadro, muito bem observado, bellamente colorido aquelle nú, aquellas carnes quentes, palpitan-tes, pura obra d'arte; ella não modifi- cou o seu modo de julgar aquella obscenidade, muito embóra fôsse coisa vulgar, como dizia o Joannico, expôr scenas de egual jaez nas gale- rias famosas das grandes capitaes eu- ropéas, verdadeiros primores de pin- tura e estatuaria, conhecidos, admi- rados pelo mundo inteiro. De imagens núas, sómente supportava a de Jesus Christo crucificado.

Placido mostrava a casa a Affon- sina, mostrou-lhe o quarto de dormir, um primor de conforto e ornamenta- ção, onde se erguia um amplo leito, estylo Renascença, enroupado rica- mente de linho e rendas. A moça não resistiu á tentação: senton-se nelle, balançando-se sobre o colchão, que ce- deu macio e carinhoso ao pezo do fle- xível corpo, exclamou com alegria in- fantil: Que bom!. Como é doce, fôfinho!...

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

SONETOS

Em quanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse;

Porém temendo Amor que aviso dêsse
Minha escriptura a algum juizo isento
Escreveu-me o engenho co'o tormento
Para que seus enganos não dissêsse.

O' vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! quando lerdas
N'hum breve Livro casos tão diversos;

(Verdades puras são e não defeitos)
Entendei que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

II

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por huns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir peito que não sente.

Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ouzadia, e pena, ausente.

Tambem, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigorosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte,

Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, eugenho e arte.

CAMÕES.

O MACACO E O ELEFANTE

Imagina o caro leitor que eu lhe vou dar um *Apologo* á Kriloff, á Lockman ou á Lafontaine em que com- parecem os dous bichos a fazerem syntaxe e rhetorica em linguagem portugueza. Não tenha medo. Sou um pouco do meu tempo e sei com quem lido. Os apologos tinham graça quando prevalecia a hypothese de que os ir- racionais não articulavam discursos; mas, hoje em dia, que os parlamentos, os meetings e outras associações, sa- turadas de Cicero e vinho do Ama- rante, vieram confirmar que a ne- nhum animal é defêso o dom da pala- vra, o apologo não tem chiste nem mo- ralidade, porque desapareceu a linha divisoria que separava com a baia da glottica a besta convencionalmente chamada *animal* da outra besta biolo- gicamente chamada *homem*. Logo que Darwin desfez o contraste que a velha sciencia natural estabeleceu, escu- sado é dramatisar os bichos. O veio da allegoria rompen-se.

Agora, se quero pôr duas ou mais alimarias a conversar, eu que neces- sariamente pertenço ao partido rege- nerador, ou ao progressista ou ao constituinte, vou ao jardim zoologico de S. Bento, e encontro, conforme o meu raio visual politico, na esquerda, no centro ou na direita, ricos exem- plares, muito domesticados, cheios de gestos e gallicismos.

Mas não se trata de apologos.

Proponho-me apresentar ao leitor dous nossos primos que floreceram na côrte de el-rei d. Manoel: um ma- caco e um elefante. Não me atrevo a suppor que talvez v. ex. não tivesse outros parentes na côrte do grande rei; mas pelo que me respeita a mim posso gabar-me de que estes meus pri- mos, posto que palacianos, comeram menos cevada ao Estado do que os moços fidalgos que recebiam de meio alqueire para cima diariamente, como consta das moradias e filhamentos da casa real.

Dirêi primeiro do macaco.

Baldessar Castiglione escrevia « Il Cortegiano » por 1508, e só dezessete annos depois imprimiu o manuscripto. Um dos interlocutores das assembleas do duque Urbino refere que um seu amigo, contando-lhe o que sabia de varios animaes trazidos a Portugal do

paiz que os navegadores portuguezes recentemente haviam descoberto, af- firmou ter visto um bugio (*simia*) de feitio muito diverso dos macacos que lá tinham. Este mono jogava o xadrez perfeitamente; e, estando um dia na presença do rei de Portugal (d. Ma- noel) o fidalgo que o trouxera, jo- gando o xadrez com elle, o macaco jogou tão finamente e apertou por tal modo o parceiro que a final lhe deu *mate ao rei*. O fidalgo furioso como costumam enfuriar-se todos os que perdem em tal jogo, agarrou do rei que era assás taludo como usam os portuguezes, e cascou com elle uma boa troquezada na cabeça do macaco. O bicho deu subitamente um salto, grunhindo fortemente, e parecia pedir a el-rei justiça da iniquidade que se lhe fazia. Depois, o fidalgo convi- dou-o a jogar outra vez, e elle por al- gum tempo fez tregeitos de recusa, até que por fim condescendeu. O jogo dispunha-se do mesmo modo contra o fidalgo. Vendo o bugio que podia outra vez ganhar, tratou de acante- lar-se com engenhosa malicia, para não ser espancado segunda vez; e, sem dar a conhecer o intento, poz brandamente a mão direita sobre o ante-braço esquerdo do fidalgo que por delicado se encostava a uma al- mofada de tafetá, e tão depressa com a mão esquerda lhe deu *mate a um peão*, arrancou com a direita a almo- fada e defendeu a cabeça com ella; e em seguida poz-se a saltar deante de el-rei como a festejar o seu triumpho.

Mister Cezar Gonzaga, que ouvira a historia, sorriu e observou ironica- mente: «E' forçoso que, entre os outros macacos, esse fôsse um doutor de muita anthoridade que a republica dos monos indianos mandou a Por- tugal para grangear reputação em paiz incognito». Este Gonzaga intendia que um macaco doutor não deixaria de se distinguir em Portugal. O certo é que os doutores-chronistas d'aquella época, mencionando bichos notabilis- simos, que d. Manoel corovelmente abrigava no paço, guardam um silen- cio iuvejoso a respeito d'este doutor gorilha, mestre em xadrez. Tão im- portante documento, ignorado dos dar- winistas e da Academia Real das Sci- encias, perder-se-hia se o conde Bal- dessar Castiglione o não fizesse es-

tampar em 1528. (Veja *Il Cortegiano*, edição de Lyão de 1553, pag. 194 e 195. Nesta edição, que é a segunda, ainda se conserva a dedicatória ao bispo de Vizeu d. Miguel da Silva.)

*

A respeito do elefante que d. Manoel mandou em 1513 ao papa Leão X, foram menos omissoes; mas o mais essencial, os predicamentos intellectuaes do animal não os revelaram á posteridade. Danião de Goes, Jeronymo Osorio, Faria e Souza e outros referem que o pachiderme borrifara o pontifice com agua de cheiro collida na tromba, e lhe fizera trez genuflexões. A relação mais eloquente e particularizada parece-me ser a do bispo Osorio que se traslada da versão do padre Francisco Manoel do Nascimento:

Este anno ia já no fim quando el-rei d. Manoel mandou ao papa Leão X trez embaixadores... com um presente digno da sua magnificencia real que constava de sagradas vestimentas, lavradas de obra mui prima com muito ouro, muita perola e pedraria, muita baixella também de ouro, e muitas joias custosissimas pelo pezo e pelo valor; e o lavor d'ellas era tal que, não se podendo imaginar cousa mais preciosa que a materia, era esta superada de muitos grãos pelo artificio. Acompanhava o presente um elephante da India de pasmosa estatura que não só em Roma, onde os homens, depois da decadente grandeza da magestade romana, nunca poseram olhos em animal semelhante, mas que por qualquer estrada que ia não havia poderes que arredassem o concurso do povo embobado em admiral-o. Vinha mais uma onça de montaria que não creio eu que ninguem igual nunca os ediles romanos, quando alardeavam ludos tão magnificos, e quando além de outras feroceissimas alimarias deram também onças nos publicos espectaculos, o podessem dar. Por quanto, esta era amansada de sorte que não já combatia no circo homens lançados ás feras, mas corria pelas brenhas javalis, veados, causando estremado prazer aos principes que com taes montarias usam deleitar-se. Pousava ella na garupa d'um cavallo airoso ajasado de peças de ouro. Era o cavallo persio, e um persa mui abalisado caçador o governava que para esse effeito o mandara el-rei de Ormuz com o cavallo e a onça. . . . Tremia Roma inteira com o estampido da artilharia, quando appareceram ante o castello Sancto Angelo. Destecida a escuridão do fumo, chegou o elefante perto da janella d'onde o pontifice estava olhando, e debruçando o corpo todo até affincar os joelhos, com todo o acatamento o saudou assim trez vezes, o que foi causa de muita maravilha

para os que isto presenciaram Mergulhando depois a tromba n'um grande tonel de agua, borrifou quantos estavam pelas mais altas janellas, e d'ali voltando para a plebe, como por divertimento, copiosamente orvalhou. . . . No dia seguinte foram recebidos os embaixadores no Belveder que fica de traz do palacio papal no monte Vaticano, e lá os estava o pontifice esperando, e aceitados os presentes, cujo valor e brilho o admiravam muitissimo, desceu ao jardim para vêr a onça e o elephante, por não ser facil ao elephante subir ás sallas que davam passagem para o Belveder. Então quiz observar como se havia a onça no seguir a caça; que já d'antes eram a esse effeito lançadas algumas alimarias. Despedida pelo caçador que a governava, se arremessou a ellas a onça e com incrível rapidez as degolou.

Mas a biographia psychologica do elefante está imperfeita.

Um contemporaneo, que se chamava João Pedro Valerio, escreveu em latim uma obra magna intitulada — *Hieroglyphica seu de sacris aegyptiorum aliarum que gentium literis commentaris*. A edição que consultei é de Lyão, 1602. No Livro 2º pag. 20 e 21, falla-se do elefante que entrou em Roma aos 14 de março de 1514, enviado por d. Mannel, e relatam-se os seguintes pormenores authenticos por testemunhas do porte de d. Miguel da Silva, bispo de Vizeu, cuja probidade Pedro Valerio abona e invoca.

O elefante havia sido dádiva do rei de Ormuz e chamava-se *Hammon*. O carnaca que o seguira desde a India era um nayre que lhe communicava os seus pensamentos por meio de palavras e raciocinios. Conversavam. O nayre expunha, propunha, convencia, e o elefante ficava sciente. Ora, o cornaca apaixonara-se perdidamente por uma lisboeta — *puellæ amore perditus*, e recebera por isso com immensa magua a noticia de que tinha de navegar para Roma com o elefante. Inspirou-lhe a sua paixão um ardid. Entendeu com Hommon e segredou-lhe que el-rei ia mandal-o para longes terras barbaras e estereis; que iria ser assoabiado e escarnecido pela canalha d'essas regiões remotas; que não teria lá boas petisqueiras, nem ricos chaireis, nem fôfos aposentos. Que, afóra isto, corria perigo de morrer na mar em naufragio acerbo; e quer naufragasse quer não, era inevitavel a sua desgraça.

Aterrado com taes novas, o pachiderme

deliberou não embarcar, e por mais esforços que se fizeram não foi possivel baldeal-o para bordo. D. Manoel estava afflicto, porqueurgia levantar ferro, e sua alteza não prosciudia de enviar a Leão X o primeiro elefante persa que pisava as calçadas de Roma.

Alguem suggeriu ao rei que o cornaca persuadira á alimaria a desobediencia porque estava enfeitado d'amores, e que seria baldada diligencia querer embarcar o bicho sem que o nayre o despersuadisse dos embustes que lhe insinuára. Mandou D. Manoel chamar o cornaca, e disse-lhe que se, no praso impreterivel de tres dias, o elefante não embarcasse, mandaria matar a elle nayre — *extremo supplicio effecturam*, para exemplo de quantos tivessem o ousio de ludibriar as reaes ordens, *ut aliis exemplo esset, qui mandatus regis fucum facere ausissent*.

O cornaca, gelado de pavor, vai-se ter com o elefante, e conta-lhe que tinha sido enganado pelo patife que desacreditára as coisas e as pessoas de Roma; que a cidade dos papas era a cabeça do universo civilizado; que Roma era o confluente de todas as maravilhas do mundo; que a alimentação era rica, o luxo esplendido, e o santo padre Leão X o mais que se podia desejar. Taes coisas lhe disse que por pouco não fez o elefante catholico.

O certo é que, no dia seguinte, o bicho enorme entrou voluntaria e jubilosamente á nau, e houve-se com o summo pontifice pelo modo cordeal e reverente que nos contou d. Jeronymo Osorio.

O inglez Charles Blount, commentando a «Vida de Apollonio de Tyane», escripta por Philostrato, apostilla este caso, acredita-o como eu, e decide que a intelligencia mais convisinha do homem é o elefante. Eu por mim estou perplexo em decidir qual dos meus dous primos da côrte de d. Manoel era mais atilado — se o mono, se o pachiderme. Sem laivos de modestia, confesso-me inferior ao macaco, porque não fui capaz de apender o xadrez — e inferior ao elefante, porque nunca pude erguer como elle o meu espirito á alta comprehensão da reverencia que se deve aos papas — reverencia

que elle manifestou, senão com phrasas hypocritas, pelo menos com uma tromba sincera. Outrosim me considero abaixo do elefante na pudicia que é proverbial n'elle; e tambem não posso aguentar-me a passeiar sobre uma corda como o elefante passeia, segundo Plinio assevera.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A LIVRARIA

«MEDALHAS E LEGENDAS, LIVRO DE VERSOS POR OSCAR LOPES. — RIO DE JANEIRO. — COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL.—1906

O sr. Oscar Lopes, pertencente á ultima geração dos moços ora em escalada inicial, mas já conhecido no jornalismo por tantas paginas brilhantes, estréa agóra como auctor de obra, publicando o seu primeiro volume de versos.

Deu a essa farta collectanea o nome de *Medalhas e Legendas*, um titulo simples e bello, — é fóra de duvida — mas que não corresponde exactamente á natureza da maioria dos trabalhos que alli se encontram.

O poeta obedeceu á moda seguida por muitos auctores de contos, nossos contemporaneos, que utilizam para designação geral de uma collectanea o titulo do primeiro trabalho, embóra os outros nada tenham que ver com o sentido dessas paginas iniciaes.

Não me parece feliz a innovação, encarada por qualquer lado. Ella attrairá maior numero de leitores, — tal seja a força de seducção que o titulo exerça; mas, entre os que se dêem por illudidos hoje, muitos haverá que amanhã não se queiram sujeitar á mesma contingencia, quando o auctor ponha á venda outro volume.

Aqui neste livro de versos a maioria das composições que constituem a primeira série são poesias objectivistas, que quadram perfeitamente com o titulo geral. Mas essa primeira série é bastante breve, comparada com a segunda e ultima, *Poema do Amor* chamada, e que representa a historia passional do poeta, com todos os estados extremos d'alma, as exaltações de imaginação normalissimas na phase da existencia por que passa o nosso jovem auctor. São trabalhos, por consequente, essencialmente subjectivistas os que constituem essa outra série.

Não se póde dizer que o sr. Oscar Lopes, apesar da sua pouca idade, seja um inexperto principiante a quem falte ainda a faculdade de expressão, que os trabalhos objectivistas tão essencialmente requerem. Pelo contrario, admira-se que elle já possuía tanto

recurso verbal para, nas descrições que emprenhe, manejar a penna com a segurança de um pintor de larga e plausivel factura.

Nos seus amplos estudos *As Aguias*, e *Hymeneu das Arvores*, como naquelles outros de menores proporções, *Sol e Sombra*, *Luar Antigo*, *Manhã*, — ninguem o nega, de certo, — ha o que homens dos *ateliers* chamam qualidades, no sentido melhor da palavra. Trabalhos como esses attestam valor.

Encontra-se ainda nessa série um outro, *Noite Morta*, que é a realisação do que na verdade se póde chamar um vigoroso soneto. Ha vida intensa nesse pequeno quadro, representado pelos poucos, mas violentos movimentos exteriores que a acção a descrever comporta.

Parece que esta parte do livro, porém, foi antes executada por deliberação de uma vontade consciente do que por um impulso instinctivo, irresistivel, a que a natureza do auctor o arastasse. Estes assumptos ainda não serão, talvez, aquelles da intima predilecção do poeta. Sente-se um pouco de esforço mechanico na execução e até aquellas deficiencias que resultam em pintura dos trabalhos realizados sem modelo e mesmo sem terem sido sufficientemente vividos.

Dá-se isso mais do que nunca quando elle trata de assumptos que estão fóra do ambito de sua immediata observação, dependentes da vida rural, que de certo elle ainda não conheceu sinão de modo imperfeito e com as intermittencias que a existencia urbana nos impõe mais ou menos a todos.

Mas, de qualquer modo que seja, na phase da vida que o sr. Oscar Lopes atravessa, o que constitue principalmente o nosso mundo é o nosso eu. O proprio amor e o objecto sobre que elle recae, si nos preocupam tão fortemente e absorvem o melhor da nossa energia, no fundo é por um motivo egoista, pela necessidade que ha em nós de nos reflectirmos no mundo exterior e termos assim uma consciencia mais perfeita do nosso ser. Sonhamos-nos dignos de tanto, que não vemos o menor prodigio não importa em que realisação que alcancemos. Dahi fatalmente, necessariamente, a desillusão dentro em pouco, que nos deixa attonitos, como si verificassemos que o nosso caso abroga uma lei natural.

Emquanto houver mocidade, esse espectáculo se ha de reproduzir indefinidamente, com uma monotonia mechanica, mas ao mesmo tempo com a variedade e o encanto da differenciação que cada caso pessoal implique. Quando a cada um de nós cabe a sua vez de representar por modo flagrante esse aspecto da vida planetaria, seja

como fór é por esse lado que principalmente nós somos sympathicos e interessantes, e é por isso que então é a nossa comedia amorosa o que temos de melhor a contar.

Dahi ser mais extensa e impressionar-nos mais duradouramente a segunda parte deste livro.

Sente-se aqui uma historia sincera e dessas que apontam espontaneamente aos labios. Certamente o auctor teve uma ambição litteraria ao lançar estes versos; mas elles obedecem principalmente á lei que deu origem á poesia e que é a mesma imposta aos rios que se despenham pelos valles quando suas aguas cresceram de mais.

Ha numeros nesta série de uma encantadora factura, simples, naturaes e suggestivos, como são as coisas verdadeiramente sentidas. *Sonho de luz pelo inverno* ou *Onde quer que eu andasse*, por exemplo, representam, o primeiro, uma impressão, e o outro um estado d'alma que se não inventam.

Apostrophe é um soneto canoneano de execução difficil e, no entanto, perfeita, mas sobre isto intensamente sentido, — o que se poderia chamar uma joia, mesmo na obra dos melhores poetas.

Dolorosa, apesar de parecer uma folha solta encartada artificialmente nas que constituem as paginas do *Poema do Amor*, é de uma singularidade apta a revelar a capacidade idealisadora que ha neste poeta, e a aristocracia, mesmo a singularidade, até o excentrico de que sua visão é capaz.

Diga-se, no entanto, com franqueza, a impressão geral que tambem esta segunda parte do livro nos dá, apesar da sinceridade que se nota no sentimento de que ella procede, e da boa execução, mesmo da maestria precoce de que o poeta dá prova em varias das partes que a compõem, é a de uma obra que ainda não representa propriamente uma victoria.

O sr. Oscar Lopes já tem assignaladamente desenvolvida a sua capacidade verbal, é um poeta facil e abundante, de factura larga, além disso tem vigor, e tem emoção, mas essa emoção ainda muitas vezes falseia, de modo a produzir frequentes soluções de continuidade na impressão favoravel que no correr dos seus versos va-

mos recebendo. Elle ainda não vibra com a segurança que indica os poetas de raça.

Seja como fôr, este seu livro é um titulo de estima legitima que o poeta conquista, mais serio do que aquelle que paginas dispersas pela imprensa lhe poderiam proporcionar. Com o vigor da mocidade, a justa ambição que a lucta desperta e o estímulo que a vista do terreno alcançado naturalmente proporciona, elle irá adeante, e em nada me surprehenderá saíndo-nos um perfeito triumphador amanhã.

NUNES VIDAL.

APANHADOS

Uma cidade ideal Na cidade sueca de Orsa não ha impostos, educam-se as creanças de graça e o telephono e os bondes são uzados gratuitamente. Tudo isto é o resultado da boa administração do municipio, que, com a venda das madeiras dos bosques visinhos, attende a todas as despesas da população.

**

As mulheres sportistas A mulher athleta, a *sportwoman*, acaba de soffrer um ataque bem rude. A sra. Marriott-Watson, num jornal de Londres, denuncia os exercicios do corpo, equitação, *golf*, *tennis*, *foot-ball*, canoagem, como funestos á belleza e á saúde da mulher; ella se estraga, os seus membros não teem mais proporções. Ainda mais, e isto é o peor, ella fica sem sexo e, si continúa nesses exercicios exaggerados, não terá filhos.

**

O rei da Grecia Jorge I, o rei da Grecia, é um dos nadadores mais famosos do mundo. Sua magestade váe a distancias enormes nadando e póde permanecer horas debaixo d'agua, sem perder as forças. E' um *sportsman* consummado, um atirador infallivel, dumá precisão admiravel, um bom pescador e dirige com habilidade rara os cavallos mais fogosos.

**

Os callos E' bastante sabido que os callos e outros incommodos dos pés são devidos a diferentes causas. Uma dellas — e isto, acaba de ser provado, consiste no uso das meias pretas. Noventa e nove por cento das pessoas que padecem as

consequencias dos callos attribuem-n'os aos sapateiros. Estes, por sua vez, para se livrarem da culpa, e nesse ponto teem muita razão, asseguram que as meias pretas e os callos são amigos intimos. Os tecidos pretos absorvem menos a transpiração do que os tecidos doutras côres e conservam por muito tempo a humidade.

**

Excentricidades duma rainha Carmen Sylva, a poetisa rainha da Roumania, detesta a luz electrica e, ha bem pouco tempo, não permittiu que a puzessem em suas habitações. O seu *boudoir* está ornamentado de flôres de crystal em cujo centro brilha uma luz muito pallida. As paredes do seu palacio estão cheias, completamente, de pinturas e de versos della e doutros poetas celebres. A rainha não quer que se sentem á sua meza com trajas negros ou escuros, as damas de companhia e as altas senhoras que a visitam, só lhe apparecem de roupas claras, muito claras, na sua casa de jantar. Carmen Sylva tem horror á côr preta, como Abdul-Hamid, o sargento sultão da Turquia, detesta o silencio e odeia a noite.

**

O maior livro do mundo O maior livro do mundo é um que está no British Museum, em Londres; é uma das grandes curiosidades do celebre musen e é conservado com um cuidado enorme. Esse curioso livro é um atlas que mede 1 metro e 30 centímetros de altura por 1 metro de largura.

**

A mulher norte-americana Num livro publicado em Londres, duas norte-americanas, as sras. Van Vorst, deploram os effeitos da organização economica do seu paiz sobre a condição da mulher e da familia. O capitulo sobre as manufacturas do algodão nos Estados do sul dá uma descripção completa da degradação moral e physica, verdadeiramente espantosa, entre as operarias.

Mas as auctoras passam a ontra ordem de inconvenientes. A mulher americana si é casada não tem filhos, mas sobretudo ella não se quer cazar, porque é, tambem, como os homens, egoista e individualista. As usinas, as casas de educação, a sociedade elegante estão cheias de mulheres solteiras, já velhas. Numa carta que

serve de prefacio a essa interessante obra, o presidente Roosevelt reconhece a verdade das lamentações das sras. Van Vorst; mas, diz elle, como as americanas se admiram que o ideal que ellas desejam produza os resultados que ellas deploram? Uma nação que tem o culto das grandes fortunas fabulosas, que gasta todos os seus esforços «em fazer dinheiro» não deve recolher o egoismo e os seus fructos?

**

Carnes de animaes ferozes Um explorador que se viu na necessidade de comer carne de grandes animaes ferozes, não usada geralmente como alimento humano, assevera que os bifes de leão são deliciosos e superiores aos do tigre e que a carne do rhinoceronte, bem preparada, tem todas as boas qualidades da do veado. Assim tambem a tromba e as patas dos elephantes pequenos são dumá carne muito tenra. Outra carne appetitosa é a da «boa» gigantesca, que substitue perfeitamente o coelho.

**

Noticias navaes A frota activa de combate da Allemanha é de 16 couraçados. Para o numero do programma, falta, pois, apenas um. A tripolação da esquadra é de 32.000 homens, devendo chegar a 62.000 até 1920. Os gastos projectados para a marinha montam a quasi 3.800 milhões de marcos, contando de 1901 a 1917.

*

Tres submarinos francezes effectuaram, ha pouco tempo, uma prova interessante. Tendo feito o bloqueio das ilhas Hyélos a flotilha de torpedeiras de Toulon, os submarinos *Bonite*, *Anguille* e *Alose* submergiram-se á saída do porto e, depois de duas horas de marcha sob as aguas, passaram todas as barreiras estabelecidas.

*

No decennio de 1895 a 1905, a marinha mercante do mundo teve um augmento de 70%. A da Inglaterra augmentou 47% e a da Allemanha 100%.

*

Em um dos ultimos couraçados japonezes, as grandes peças de 254 millímetros são de tal modo perfeitas que pódem fazer cinco disparos em 2 minutos, 8 segundo e 2/5. Este resultado foi obtido pelo casa Vickers, que introduziu melhoramentos no mecanismo da culatra.

**

Varias Nos theatros japonezes um espectador póde permanecer de pé; pagando uma quantia além do preço commum do bilhete e o outro espectador que lhe ficar atraz não póde protestar.

A nobreza japoneza consta de 10 príncipes, 25 marqueses, 80 condes, 325 viscondes e 98 barões.

A sciencia tende a comprovar que todos nós somos tuberculosos e que é, unicamente, questão de resistencia ou debilidade para que a doença fique parada ou se desenvolva.

A flora da India comprehende 15.000 especies, enquanto a da Europa toda attinge unicamente a 10.000.

Os chinezes de alta linha uzam cartões de visita, cujo tamanho augmenta conforme a categoria de quem os uza. Geralmente os cartões são vermelhos, côr de sangue.

O progresso intellectual argentino O sr. Turot foi, por parte do governo francez, á Argentina com a missão, entre outras, de estudar a possibilidade de estabelecer um cabo submarino directo e, noutro sentido, muito observou naquella amavel republica. Aos jornaes de Buenos Aires elle não occultou as suas impressões.

Disse, por exemplo, que ao desembarcar teve a sensação de que todo aquelle movimento, toda aquella grandeza, todo aquelle conjuuncto de opulencias era artificial, sem bases solidas, uma vida superficial, emfim, para impressionar á primeira vista. E' verdade que, depois, demorando um pouco o seu exame, verificou o contrario. Isto no ponto de vista material.

Intellectualmente falando, é que esse mesmo exame o certificou de que as coisas do espirito são muito descuradas. Antes do progresso intellectual, muito antes mesmo, está a preocupação do material.

Afinal, «on est allé au plus pressé!» —disse, consolando, o sr. Turot...

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXV

A Silva Lisbôa succedeu na tribuna Carneiro da Cunha, que, tendo o bom senso de não ouzar refutar a erudita dissertação do *magister*, se contentou em enviar á meza a seguinte emenda: «Haverá juizo dos jurados tanto nas causas crimes como nas civeis.»

Após o deputado da Parahyba, surge na tribuna, Carvaño e Mello, que a

Camara estava habituada a escutar em profundo e respeitoso silencio. Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), sustentando a disposição do artigo, evidentemente oppunha-se ás doutrinas da erudita e sentenciosa dissertação de Silva Lisbôa.

Carvalho e Mello proferiu um discurso, cujos excerpts mostram que elle não só era um espirito utrido de theorias e que conhecia os principios dominantes na materia, muito razoavel, meditado e pratico, ao passo que Silva Lisbôa tão erudito, como era, não se desprendia do vezo dos juristas, seguindo rigorosamente as fórmulas consagradas.

«Somos chegados, começa Carvalho e Mello, a um dos pontos constitucionaes da maior importancia, uma das principaes bases do systema constitucional e a principal garantia da liberdade pessoal e do direito de propriedade do cidadão. São tão conhecidas as razões fundamentaes dos juizos por jurados; são tantos os escriptores que, á porfia, teem desenvolvido esta doutrina que se torna escuzado o acarretar para aqui os fortes e juveniceis argumentos da sua necessidade e utilidade.

«Quando no art. 7, se estabeleceu como um dos direitos mais principaes do cidadão brasileiro o ser julgado por jurados, era mais apropriado estabelecer solidamente os motivos deste principio politico legislativo; mas era tão evidente uma tal doutrina que quasi passou como principio de verdade de simples intuição; tanta era a força de convicção de nossos animos, que uns julgaram desnecessario ajuntar fundamentos para sustentar doutrina tão conhecida e outros entenderam que, quando chegassemos ao artigo que ora está em discussão, seria opportuno disputar a materia e trazer a publico essas razões doutrinaes de justiça e utilidade.

Eu, sr. presidente, fui um dos que me reservei para esta occasião, persuadido do que era conveniente disputar, ao mesmo tempo, da applicação que entre nós deveria ter aquelle principio elementar, mórmente porque vi que, no artigo da presente discussão, tinham os illustres auctores do projecto feito a distincção de que convinha estabelecer-se logo para os juizos criminaes e, para tempos mais remotos, o das civeis.

Toda esta doutrina bem como em qualquer materia de legislação, não deve só ser considerada sob os principios de justiça e utilidade, mas tambem sob os da applicação ás circumstancias em que se acha a nação para que são applicaveis; de outra maneira,

seriam só bellezas de theoria as regras philosopho-politicas, que se estabelecessem e não solidas e justas regras para reger os cidadãos. O juizo por jurados teve origem em alguns povos da Grecia e entre os romanos.

Si não fôram regulados entre elles, como o foi, depois de alguns seculos, entre os inglezes e outras nações, que tambem os adoptaram, todavia naquella instituição e pratica, vêem-se os primeiros elementos de tal estabelecimento.

Porquanto alli se encontra o ser cada cidadão julgado por outros de sua mesma qualidade e egualdade; poderem recuzar até certo numero os juizes de facto; e decidir-se a accusação por um modo summario e facil.

Os inglezes, porém, é que levaram este estabelecimento ao subido gráu, em que se acha, combinando os interesses da justiça publica com o particular de cada criminoso e afastando o perigo que resulta de serem os cidadãos julgados por magistrados certos, que, com o uzo e posse de julgar exclusivamente, adquirem um certo orgulho e despotismo offensivo dos direitos de seus concidadãos.»

Carvalho e Mello explica as evoluções pelas quaes, entre os inglezes, passou e aperfeiçoou-se a instituição dos jurados.

Entra na apuração das difficuldades do conhecimento das provas do facto. Raciona judiciosamente a respeito do processo, fala da propensão que teem os jurados de absolver por inspirações caridosas e da corrupção e injustiça dos magistrados. Diz que conhece que, na Inglaterra, são fiadores da bondade de tal instituição a instrucção quasi geral dos seus habitantes, a probidade moral dos mesmos e a honra publica, resultado feliz da posse diuturna duma boa educação e da liberdade civil e politica que lhes afiança a Constituição, folgando os principaes habitantes do condado de verem inscriptos os seus nomes na lista dos que hão de compôr o tribunal dos jurados. «Quão diversas, exclama o orador, por desgraça, são entre nós as circumstancias!»

Ora, si Carvalho e Mello tivesse vivido desde 1823 até 1906, que pensaria e diria dos nossos actuaes jurados? Em 1823, ainda não se tinha

experimentado a instituição e já o notavel constituinte a julgava por tal modo. Reconhecendo a carencia da instrução nacional, todavia o visconde da Cachoeira dizia que queria que se estabelecesse entre nós o juizo por jurados.

O orador profere as seguintes sentenciosas phrases: «quando estabelecemos um governo monarchico constitucional; quando trabalhamos pelo firmar, erguendo uma constituição para um governo representativo, fôra absurdo desprezar, ou proscriver o juizo por jurados; quero dizer que hajam juizes de facto para prova dos crimes, recaíndo sobre os juizes de direito a appellação das leis aos casos occurrentes».

O orador pondera — «convem plantar este arbusto, posto que exotico, pelo menos no interior do paiz e cuidar de aclimatal-o com cuidadoso desvelo e assidua cultura.

Penso, porém, que por enquanto devemos nos limitar a estabelecer os tribunaes de jurados nas causas criminaes, reservando para outro tempo as civeis».

Fala da necessidade dum codigo e da nossa atrazada e deploravel legislação. Encarece a conveniencia de boas reformas, que firmem em bases solidas a liberdade civil e politica, fazendo a prosperidade do Estado e a felicidade dos nossos concidadãos.

Quando, á longa distancia que nos separa da data em que trabalhava a Constituinte, onde se pronunciavam taes palavras, comparamos — *sine ira atque studio* — os representantes da soberania nacional, os legisladores incumbidos da organização da sociedade e do Estado, não podemos deixar de reconhecer as differenças que os discriminam; as qualidades que os distinguem; os meritos que os notabilizam.

Vemos entre Silva Lisbôa, sabio jurisconsulto, e Carvalho e Mello, dois homens de tendencias inteiramente oppostas. O primeiro, um crente do passado; não quer a liberdade religiosa nem a da palavra e a do pensamento; condemna a faculdade de sair o cidadão fóra do paiz; pretende que, como *Socrates*, não passe além do *Pyrêo*. Ao contrario, Carvalho e Mello e alguns outros propugnam pela liber-

dade civil e politica e por todos os efeitos que dimanam della.

Emfim, Silva Lisbôa não permite o julgamento do cidadão por sens pares; Carvalho e Mello reconhece nesta instituição uma necessidade do regimen do governo constitucional e livre.

A discussão dessa materia prolongou-se por algumas sessões do mez de outubro; Silva Lisbôa refluio ao debate. Já lhe conhecemos as doutrinas; por conseguinte, é inutil repizal-as.

Tomaram parte ainda os deputados Vergueiro, Araujo Lima, que opinou, num longo discurso, pelo juizo dos jurados.

Submetteu-se a votação o projecto sobre a liberdade de imprensa, que não provocou a attenção, nem mereceu discussão; ao contrario, os artigos do regimento animaram a loquella de varios representantes da soberania do povo.

Nas ultimas sessões de outubro, discutiram os artigos do projecto de Constituição, o julgamento por jurados, diversos representantes; entre elles, Lopes Gama, em discurso de longo fôlego. Orou ainda o deputado Carneiro, da Bahia. Falaram tambem Costa Aguiar, França, Xavier Garcia, Dias, Alencar, Andrada Machado.

Concluida a discussão, o deputado Carneiro da Cunha requereu votação nominal. Passou o projecto para estabelecer o juizo de jurados, votando contra *sómente* o afamado jurisconsulto Silva Lisboa, que, repetidas vezes, o havia impugnado.

O proceder de Silva Lisbôa vem pôr em evidencia o contraste que apparece entre os homens e o tempo, coisa sedicã, mas que releva, na justa apreciação das causas e efeitos dos acontecimentos, observar e attender.

Silva Lisbôa, septuagenario, concentrava o seu pensamento no passado, onde parecia ainda viver: o presente como que lhe era extranho, não podia represental-o: lobrigava, apenas, o movimento das novas gerações, cujas emoções não sentia; cujas aspirações aborrecia; cujos sentimentos lhe eram antipathicos; cujas idéas reprovava e, inflexivel, condemnava.

O tempo e o homem estavam em cabal antagonismo.

O povo brasileiro, proclamando a Independencia, fôra impellido pelas amargas e afflictivas provações do presente, as quaes não estortegariam o sabio jurisconsulto, assás embebido nas profundezas da sciencia antiga. O povo, por assim dizer, acabava de nascer; queria viver. Ora, essa lucha pela existencia, já Silva Lisbôa não a podia comprehender; ao contrario, curvava-se á necessidade de repouzar. Assim, ser representante de tal povo era não ser a expressão de sua vontade. O povo anhelava gozar do fructo de sua victoria abrochado nas margens do Ipyranga: o pretenso representante não se utilizaria desse fructo.

Eis ahi porque combateu todas as idéas que formam a conquista da liberdade moderna. Elle teve, não diremos pueril, mas extranha concepção de resolver questões constitucionaes pelos principios e disposições das Ordenações do Reino. Era dar como fonte da razão, do direito e da liberdade a vontade cega, prepotente e irresponsavel do absolutismo.

De todos os homens, no recinto da Constituinte, que provaram cultura intellectual notavel, era Silva Lisbôa o mais rotineiro, sem concepções proprias, sem idéas elevadas, sem as luminosas intuições do porvir.

Elle sabia tudo que pensaram Grecia ou Roma; tudo que os juristas ensinaram e preconizaram; porém, não suscitou nem suggeriu um pensamento de accordo com as necessidades do tempo e indispensavel para desenvolver e nutrir o espirito das gerações novas.

Para elle, a sabedoria e a vida estavam no passado, cujos horrores não o indignavam nem lhe mereciam reprovação, como lh'a provocavam as aspirações que desabrocham seductoras e radiosas nas almas das gerações novas, adversas ao passado, agitadas no presente, sempre em demanda das regiões mysteriosas do porvir. Comprehende-se que esse ambiente asphyxiava o eximio lettrado, que dissertava eruditamente na tribuna parlamentar.

Notemos, mais uma vez, que, saíndo fóra da esphera juridica, deixando de reproduzir o que os homens do passado escreveram para as gerações daquelle tempo, o erudito visconde de Cayrú nada disse, fez, propôz na Assembléa de 1823, que justifique a nomeada que

tem deslumbrado os contemporaneos. Não nos lembramos, neste instante, si foi Horacio Walpolle, ou outro inglez malicioso, que denominou essa nomeada: *a comedia das reputações*.

Vivente de outras éras, espirito esterilizado no formalismo do direito civil, Silva Lisbôa não era orador nem estadista; não era publicista nem legislador para os tempos novos, illuminados pelo vasto clarão da liberdade.

Elle nunca, em suas dissertações parlamentares, consagrou culto á razão e á liberdade. Discursando ácerca da liberdade religiosa, acoimou-a de *revolta da apostasia*.

Parece que a liberdade, esse unme da civilização, que o genero humano tem adorado, através dos seculos até os nossos dias, não lhe era agradável.

Emfim, Silva Lisbôa não passava dum meditador. Amava o repouso, do qual carecia: *otium cum dignitate*. Elle o confirmava, citando a phrase do economista sagrado: *o sabio vem no tempo do descanso*.

Impunha o repouso, como tyranno que não permite a independencia da consciencia, nem tolera o uzo da palavra livre; quer dominar na perpetua e inalteravel paz do marmoreo silencio. Só elle tem o direito de pensar e falar; para mandar... o ruído do proprio louvor o perturbaria; quer uma situação egual áquella a que allude o espirito ferino e implacavel de Cornelio Tacito.

* *

Continúa a discussão do projecto da Constituição politica e trata-se do art. 9, que dispõe: — nenhum brasileiro será prezo sem culpa formada, excepto nos casos marcados na lei.

Submettido á deliberação da Camara, encetou o debate Antonio Carlos, que proferiu o seguinte: «Eu creio que este art. 9 do projecto de Constituição deve voltar para especificar quaes são os casos em que o cidadão pôde ser prezo sem culpa formada. Não deixemos materia tão séria para lei regulamentar; é preciso que os brasileiros saibam que, sem culpa formada, só em taes e taes casos pôdem ser arrancados das suas casas e familias (*apoiados*). Ha muito que leio papeis, em que se diz: já se pôde viver seguro; ninguém receia ser arrancado dos braços de sua terna esposa, e comtudo vejo que os vão tirando dos braços dessas esposas e levando para a cadeia. Requeiro, pois, o adiamento do artigo para declaração do sobredito caso.

Nestas poucas palavras revela-se o despeito e, ao mesmo tempo, uma represalia contra o novo ministerio que succedeu ao de José Bonifacio.

O gabinete de 16 de janeiro mandou abrir devassas geraes, encheu os carceres com numerosos prezos, quasi todos innocentes. José Bonifacio, ministro, ordenou estas perseguições que procrearam desconfianças por todo o paiz; lançando fóra do gabinete, o seu successor, de 17 de julho em diante, tratou de acabar com as devassas e perseguições. Eis ali a que vem a allusão ironica e ferina das palavras do irmão do ministro demittido inesperadamente.

As palavras citadas provam que, durante aquelle periodo, dominaram o arbitrio e as praxes e perseguições do regimen absoluto. Ora, desde 16 de janeiro de 1822 até 17 de junho de 1823, governou José Bonifacio a nação brasileira, que foi victimada ao systema de devassas, prisões e deportações. A despeito das innumeras provas que estabelecem ter sido o governo de José Bonifacio o mais perseguidor e incapaz do primeiro reinado, os admiradores fanaticos proclamaram-no patriarcha da Independencia e instituidor da liberdade.

Proseguindo a discussão, passou-se ao artigo 10, que dispõe: — nenhum brasileiro ainda com culpa formada terá conduzido a prisão ou nella conservado, estando já prezo, uma vez que preste fiança; e por crimes a que as leis não imponham pena maior do que seis mezes de prisão, etc.

Propoz-se adiamento.

Falaram sobre esta materia Carvalho e Mello, Vergueiro, Andrada Machado.

Regeitado o adiamento, proseguiu a discussão do art. do projecto e das emendas.

Entraram no debate Arouche Rendou, deputado por S. Paulo; Paula Mello, offerecendo ambos emendas. A discussão foi declarada adiada.

Seguiu-se então uma dessas questões, com as quaes a Constituinte se comprazia e que só servia para perder tempo.

Antonio Carlos apresentou o seguinte: «Proponho que se peçam ao Governo informações sobre a fuga da corveta *Liberal* e levantamento do bloqueio de Montevidéo.

Apoiada e approvada, esta proposta entrou em discussão. Combatu-a o deputado Henriques de Rezende. O representante fluminense

França perguntou si a Assembléa tiuha o direito de interromper o curso da administração do poder executivo, mandando retirar vasos de guerra em commissão. Para que servem as informações que se pedem? Não me cumpre deliberar sobre o negocio, para que é querermos informar-nos delle? Tem-se dito que o comandante da corveta não cumpriu com os seus deveres, que vergonhosamente se retirou, etc. Não; ha de ser o governo e depois de sentença pronunciada em conselho de guerra, onde ha de esse official ser ouvido em conselho de sua defeza. A que vem, pois, a Assembléa intrometter-se a tomar conhecimento intempestivo e ocioso dum assumpto que tem sua marcha regular e sabida em direito? Porventura váe nisso a salvação da patria para que saltemos a barreira das nossas peculiares attribuições e vamos de encontro chocar as attribuições do governo? Não, certamente... voto contra a indicação do sr. Andrada Machado.»

Posta, porém, a votação, foi a indicação approvada.

E' um facto que parece sem importancia, este da corveta *Liberal*, que, porém, dá logar a fazer certas observações ácerca dos homens que pretendiam dirigir a politica do Estado.

Desde o inicio da sessão Antonio Carlos, *par droit de naissance, ou de conquête*, arrogou-se o mando da Constituinte. Vimol-o, a cada instante, prégando a doutrina da separação dos poderes, professar horror pela invasão dum poder nas attribuições de outro. Elle apavorava a maioria com as consequências dum conflicto com o Imperador. Vimol-o dizer imprevidentemente que direito temos nós de perguntar ao poder executivo por actos de sua particular attribuição. Vimol-o reprovar a formula — *diga-se, ou pergunte-se*. Elle julgava que tal maneira de entender-se com o executivo, era uma infracção da doutrina constitucional da separação dos poderes.

Pois bem, esse rigido, sincero e convencido doutrinario, a cada instante, uza da fórmula que elle proprio condemna.

O caso da corveta *Liberal* entra numa dessas minucias administrativas: é ao governo que pertence e

cabe saber porque essa corveta *fugin* e porque houve levantamento do bloqueio.

Rompendo com todos os principios estabelecidos por elle mesmo, apresenta a proposta, invadindo assim as attribuições administrativas com que a Camara nada tem que ver.

Esses Andradas, estudados de perto nas incoherencias de actos e palavras, tem muito que se lhes diga. Entretanto, si os seus contemporaneos reconheceraam as suas leviandades e incoherencias, as gerações posteriores teimaram em proclamal-os superiores pela mentalidade, pela sabedoria, pelo alto bom senso e o maravilhoso tino de homens de Estado...

O deputado fluminense França disse bem: «a que vem pois entrometer-se a Assembéa a tomar conhecimento intempestivo e ocioso dum assumpto, que tem sua marcha regular e sabida? Por ventura váe nisso a salvação da patria? Felizmente a proposta de Antonio Carlos, que foi approvada, não foi julgada objecto de deliberação. A maioria da Assembléa, ás vezes, deixava-se guiar pelo bom senso, e regeitava propostas da ordem desta apresentada pelo illustre orador paulista.

Na sessão de 15 de outubro entrou em discussão o art. 10 do projecto de constituição com as emendas. Tomaram parte nos debates Andrada Machado, Montesuma, Aranjó Lima (marquez d'Olinda), França, Rendon, Paula e Mello.

Seguiu-se o art. 11 — Nenhum brasileiro será prezo, á excepção de flagrante delicto sinão em virtude de ordem do juiz, etc. etc.

Discutiram-no Montesuma, que apresentou emenda; Carvalho e Mello Ferreira e França, Paula e Mello, Andrada Machado, Henriques de Rezende.

O artigo approvado, a Camara tratou de outros assumptos de somenos interesse.

Na sessão seguinte (18 de outubro), foi discutido o projecto sobre a criação de universidades.

O estabelecimento dessas corporações scientificas e docentes era uma idéa geralmente acceita; a divergencia versava sobre escolha da localidade. Montesuma queria de preferencia a Bahia; Silva Lisbôa, o Rio de Janeiro, onde havia estabelecimentos de ensino que podiam ser aproveitados; outros pretendiam que se escolhessem S. Paulo, Maranhão, Pernambuco, Minas Geraes, etc., etc.

Nestes debates sobre materia sci-

entifica, a maioria ficou inteiramente muda; mas os intellectuaes fizeram ostentosa exhibição de talento e, si não de vasta e profunda erudição, mas de variados e substanciaes conhecimentos. Todos os oradores consideravam e comprehendiam a importancia e ainda mais a urgencia de difundir a instrucção, como um baptismo de luz sobre a fronte da população em geral rude e ignorante. Sem duvida, elles reconheciam que para formar um povo independente era indispensavel tornal-o livre; ora, a liberdade é essencial á personalidade e esta não se reintegra sinão pela cultura da intelligencia; assim não será independente sem ter reintegrado á personalidade da sua maioria, que só conseguirá pelo desenvolvimento e cultura de intelligencia, pelo respeito e segura garantia da liberdade — coisas que constituem a supremacia da natureza humana, sobre a qual assenta o organismo social e a vida e grandeza dumna nação. Ora, si o ensino das universidades vinha concorrer para esta grande obra, era do dever da Constituinte pôr neste projecto a mais viva solicitude e o maior empenho de suas aptidões, talento e patriotismo. De feito, o projecto foi sériamente estudado e, pôde-se dizer, nenhuma materia foi tratada com mais cuidado, do que a organização das universidades.

Entre os oradores que procuraram distinguir-se na medida de suas forças, sobresaíram-se Silva Lisbôa (visconde de Cayrú), que combateu as opiniões daquelles que propunham estabelecer muitas universidades em diversas provincias. O erudito jurisconsulto discursou largamente, mostrando que os recursos do Thezouro não permitiam tantos estabelecimentos de tal ordem; que não tinhamos mestres preparados e, sobretudo, havia maxima conveniencia em fundar a universidade na Côrte. A sua oração foi ornada de innumeras citações de auctores antigos e modernos, desde Aristoteles até Burke; desde a Biblia até os sabios da Encyclopedia.

Falaram tambem, no tocante ao assumpto, Lopes Gama, Costa Barros.

Gomide, representante por Minas Geraes, apresentou uma indicação, concedendo favores e regalias ás pessoas que fizessem donativos pecunia-

rios para o fim de fundar universidades.

Adiada a discussão, passou-se a tratar de certas propostas. Entre estas, duas, que não devem passar despercebidas; pelo contrario, são de grande importancia, quanto ao alcance e consequencias.

Montesuma, que parecia um *atirador livre*, mas que compartia de todos os preconceitos da maioria e mesmo os açulava, ataca acremente o governo imperial por haver agraciado com o titulo de marquez do Maranhão, a lord Cockrane. Montesuma diz: «Só ao poder legislativo pertence marcar ordens de nobreza para o Imperio; feito isto, dará então os titulos o poder executivo; mas antes, quando ainda se não sabe a fórma, que a isto dará o poder legislativo, não sei como possa o executivo dar esse titulo sem positiva ingerencia. Eu respeito muito a sabedoria e talentos de lord Cockrane e reconheço os bons serviços por elle feitos á nação brasileira e como representante della me lisongeio de lhe dar publicos agradecimentos; mas nem por isso devo calar-me, suffocando dentro em mim o que sinto sobre a indicada ingerencia.»

«O mesmo lord Cockrane, que foi embalado no berço da liberdade e nutrido, permitta-se-me a expressão, com leite constitucional, não poderá increpar-me de falta de respeito ao muito que elle merece, por me declarar contra uma ingerencia do poder executivo; pelo contrario, me fará e dirá que não fiz mais, do que satisfazer os deveres sagrados de representante da nação. Temerei eu desagradar aos que fizeram a nomeação?

«Certamente não, porque cada um trabalha na seára que lhe encarregou a nação.»

Attente-se bem neste modo de falar e não é difficil comprehender o estado dos espiritos. Transparece aqui a lucta occulta, real e permanente entre a Assembléa e o chefe soberano do Poder Executivo. Vê-se que os deputados já temiam o desagrado daquelle poder. Essa observação serve para mostrar que a dissolução da Constituinte resultou de motivos accumulados, um por um, em cada dia, e não foi um acto de subita violencia do temperamento irascivel de d. Pedro.

Os proprios deputados, quando criticavam os actos do Governo, pensavam que incorriam em seu despeito; portanto, releva attender a todas essas minudencias que constituem a somma de circumstancias, que geraram no animo de d. Pedro, a vontade de dar cabo da Constituinte.

Montesuma terminou o discurso, enviando á meza a seguinte indicação: «Proponho que se declare ao Governo que se não verifique o titulo de marquez de Maranhão na pessoa de lord Coekrane, sem que por lei se estabeleça a ordem e gradação dos titulos que devem fazer a grandeza e a fidalguia da nação brasileira.»

Foi requerida e apoiada urgencia para discutir-se a proposta — o que prova o aqodamento que tinha a maioria de contrariar o acto do Imperador, que, por sua vez, não deixaria de apreciar a manifestação da má vontade dos representantes da nação. Dizem que ha uma intima e inevitavel relação entre as coisas funestas que concorrem para o mesmo fim. Quando Montesuma acabou de atirar á face do poder imperial este insolente cartel, Antonio Carlos lhe succedeu na tribuna e vibra uma grande machadada no Governo, dizendo: «Para aproveitar o tempo enquanto o illustre deputado não manda essa outra indicação, quero offerecer uma muito simples; tem por fim perguntar ao Governo que razões teve para nomear um membro do governo da Bahia para commandante das armas; esta nomeação tende a concentrar poderes, que por sua natureza devem estar separados e vae de encontro aos principios constitucionaes, que nos regem. Todavia, eu não quero accuzar ninguem: pôde ser que o ministro da Guerra tivesse motivos para nomear Felisberto Caldeira, Gomes Caldeira, commandante das armas da Bahia; mas peço que se saiba qual foi a razão impulsiva que teve para assim o fazer. Mando á meza uma indicação.»

Esses dois discursos e duas indicações não teem justificação razoavel; ingerem nos actos puramente administrativos, contra o que tanto declamou Antonio Carlos; evidentemente, mostram o gráu de harmonia existente da Camara e do Governo.

Naquelle tempo, em que se ensaiava o regimen representativo, quando se falar num acto do Governo, entendase logo — do Imperador, porque nada se fazia si não por iniciativa, vontade, ordem sua. O ministro era um mero instrumento; assim, pois, atacar um acto do Governo era atacar o proprio Imperador. Montesuma, Antonio Carlos, e a maioria, que os apoiava, perfeitamente o sabiam e de proposito o faziam.

Estas indicações ficaram adiadas.

Veremos a solução que terão mais tarde. Ellas, todavia, nos dão azo de notar: 1º — que se negava ao Imperador o direito e poder de conceder titulo de marquez; 2º — de nomear um commandante de armas. Esses actos ambos são da competencia exclusiva do Executivo. A Camara pretendia intervir nelles.

Imagine-se a indignação que abraçou a alma do Imperador, quando leu estas propostas. O que pensaria duma Assembléa que lhe queria tirar até a prerogativa de conferir titulos, prerogativa inherente e essencial ao regimen monarchico e da qual estava de posse e uzo?!

Estes e muitos outros motivos de igual natureza dispuzeram o animo de d. Pedro contra a Camara Constituinte. E' preciso não esquecer nunca de que elementos psicologicos era formada a natureza de d. Pedro e si era susceptivel de tolerar tão audazes e insolentes ataques a descoberto. Attentando-se na realidade dos factos, não é possivel admittir que a Constituinte não deu causa ao procedimento que o Imperador terá mais tarde.

Notemos que esses factos se deram na sessão de 18 de outubro, que não se distancia muito da data fatal. Quem estudar a historia com a preocupação das minucias, ha de colher avultadissima quantidade dellas, que formaram a somma de motivos que produziram no animo de d. Pedro a persuasão, de dar cabo duma Assembléa incapaz de formar leis que o paiz reclamava, de comprehender os interesses publicos, finalmente, de organizar a Constituição, porém disposta a crear embaraços ao Governo, a aprofundar na alma nacional suspeitas e desconfianças e sobretudo a cercar-lhe as attribuições governativas que elle entendia lhe pertencer.

E' fora de duvida que a marcha dos trabalhos legislativos confirmava e justificava a opinião do Imperador, tanto mais esta opinião tenazmente se embebia no seu espirito, notando que na Camara não apparecia um protesto; por conseguinte, concluiu que era cúmplice de todas as aggressões contra o Governo.

Em verdade a cumplicidade da Camara e dos aggressores do Governo era manifesta; não havia indicação ou proposta contraria ás attribuições do executivo, que não fôsem approvadas pela maioria apenas votavam contra os homens moderados e illustrados.

E' incomprehensivel esta proposta de Antonio Carlos, exigindo que o Governo declare qual a razão impulsiva, que teve para nomear o commandante das armas. No tempo do ministerio de seu irmão José Bonifacio, elle bradava: «que direito tem o poder legis-

lativo de perguntar ao executivo por actos de sua exclusiva competencia? Isso é ingerencia nas attribuições; é pratica anti-constitucional, contraria á theoria da divisão dos poderes; é a absorpção dum poder pelo outro, por conseguinte o regimen absoluto. Agora vae além — quer que o Governo declare a causa impulsiva. Antonio Carlos, nesse mesmo discurso, observa que a concentração de poderes, que por sua natureza devem estar separados vae de encontro aos principios constitucionaes que nos regem. Ora querer que Assembléa exija tal declaração é querer precisamente fazer a concentração, que censura, para que vae de encontro aos principios constitucionaes, que nos regem. A contradicção é um caracteristico do irreflectido orador, que, ás vezes, profere palavras oncas; por ex: principios constitucionaes, que nos regem: mas o Brazil não tem ainda Constituição.

Segundo as theorias, principalmente as praxes inglezas, o parlamento tem o incontestavel direito de fiscalizar, de criticar, de censurar, até de responsabilizar o Governo pelos actos, que pratica, e tal direito resulta mesmo da divisão dos poderes; considera-se uma das molas do machinismo, um meio de manter o equilibrio e harmonia. Não é, porém, isso que faz o orador paulista. Na Inglaterra o parlamento pôde tudo, porque, dizem os seus publicistas e estadistas, — é sempre constituinte; pôde mudar a religião e a dynastia, como já tem mudado.

EUNAPIO DEIRÓ.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Vagabundo celeste. — O cometa Finlay. — Calculos do sabio Schulhof.

Após seis annos de pacientes investigações, os astrônomos encontraram o cometa Finlay, descoberto em 1886 pelo sabio que lhe deu o nome e o observou pela segunda vez em 1893.

Os observatorios esperaram, em vão, a terceira visita do astro errante em 1900, e essa desaparição suscitou varias conjecturas sobre a maneira de viver desses astros subordinados a leis que não são ainda completamente conhecidas, assim como a sua origem e os seus elementos de conformação.

Não se resignando ao capricho do astro, M. L. Schulhof considerou-o apenas atrazado e indicou a região celeste, onde deveria elle ser procurado e encontrado, por meio de calculos que o observatorio de Koenigs-tuhl verificou pacientemente serem absolutamente exactos. Na noite de 16 para 17 de julho ultimo, a desco-

berta do Finlay foi feita no ponto indicado pelo astrónomo allemão, com brilho mais intenso do que na apparição precedente.

Verificou-se que a demora do cometa era devida ás perturbações resultantes de sua passagem na visinhança de Jupiter que, como se sabe, não deixa de perturbar a marcha dos cometas que fazem em torno do Sol uma evolução de sete annos.

E' interessante lembrar que a primeira descoberta daquelle vagabundo fôra devida á ephemeride de investigações calculadas por Schulhof e fôram os calculos deste sabio os conductores á pista em que agóra o encontraram

Hospital vegetariano dirigido por Oldfield — A cura pelo ar livre—Resultados admiraveis—Um obito por anno

Existe em Bromleys, perto de Londres, um hospital dirigido pelo dr. Oldfield, auxiliado por tres medicos distinctos, onde se trata toda a sorte de molestia e onde se fazem as mais graves operações.

Nesse hospital se observa rigorosamente o regimen vegetariano e a cura pelo ar. A alimentação dos doentes é feita por fructos, legumes, verduras, manteiga, leite, queijo, ovos e mel.

O edificio comprehende vastas salas e um *law-tennis* em torno de um bello jardim, onde os doentes pôdem passar todo o dia e mesmo a noite si o estado da atmospherá permittir. Para aquelles que se devem abrigar, ha uma varanda muito espaçosa, refrescada pela folhagem.

Uma das particularidades da cura em pleno ar é que, conforme a natureza da molestia, os pensionistas ficam de preferencia á sombra de uma arvore especial, um procura a pereira, outro a ameixeira, como convenha ao seu temperamento.

O hospital está fundado ha dois annos e regista sómente dois obitos, o de uma creança que entrou moribunda e o de um velho.

O facto é convidativo a experiencias entre nós, onde a primeira condição de cura é, geralmente, encerrar o doente, privá-lo de ar e de luz.

Lentes astronomicas. — Um novo processo de fabricação de lentes liquidas. — A phantasia e a sciencia.

As lentes empregadas em astronomia custam caro e demandam excessivo trabalho, exhaustiva paciencia. A maior que se possui tem 1m,50 de diametro e foi fabricada em um anno, pelo preço de 500 mil francos.

Um processo novo permittit fabri-

car lentes do mesmo tamanho, prestando o mesmo serviço, em pouco tempo e pelo preço de 2.500 a 4.000 francos. Uma lente de 25 centímetros de diametro da melhor fabrica allemã vale actualmente 7.000 marcos; pelo novo processo custará apenas 150 marcos, sendo de custo unânimo as pequenas, destinadas a apparatus photographicos, binoculos, etc.

O novo processo consiste em encerrar entre dois vidros analogos aos de relógios, numa substancia fluida, cujas prosperidades de refração se combinam com as do proprio vidro, de maneira a dar exactamente os mesmos resultados obtidos com as lentes usadas até agóra, evitando, ao mesmo tempo, os inconvenientes reconhecidos no antigo processo.

As novas lentes são achromaticas. Os dois vidros são hermeticamente fechados, evitando completamente a penetração do ar. O fluido não se evapora, não soffre influencia alguma de duração ou de temperatura.

Essas lentes liquidas se fabricam na Austria e obtiveram patentes em todas as nações. Fôram inventadas por um clinico hungaro.

E' curioso recordar que num romance de Julio Verne, esse processo foi empregado. Um dos heróes collocou agua entre dois vidros de relógio e obteve assim uma lente para fazer fogo. Isto prova que a phantasia serve de precursor da sciencia.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Váe-se arrastando com desanimo este torneio. Além do dr. Theophilo Torres, concorrente temivel, parece que se retiraram tambem os srs. Armando Burlamaqui e Tito de Sá. Não está terminado o 1º turno, no momento em que encerramos esta secção. O dr. Hentz tem cinco partidas ganhas, o dr. H. Costa cinco ganhas e uma perdida, e o dr. Annibal Pereira cinco ganhas e duas perdidas.

O XADREZ NO ESTRANGEIRO

Torneio de Nuremberg

Terminou o torneio de mestres de Nuremberg com a victoria de Marshall, que nas 16 partidas jogadas, não perdeu nenhuma, empatando 7. Pelo resultado, que abaixo damos, se verá que Schlechter, vencedor ainda ha pouco no complicado torneio de Ostende, chegou em 3º lugar com Fleischmann; mas o que causa espanto é a derrota absurda do dr. Tarrasch e ainda a do mestre francez Janowski que apenas conseguiu ganhar 3 partidas e empatar 2. Tarrasch tambem apenas ganhou 3 e empatou 9.

Eis o resultado final:

MARSHALL.....	12 1/2 pontos
Duras.....	11 "
Fleischmann.....	10 1/2 "
Schlechter.....	10 1/2 "
Tschigorine.....	10 "
Salve.....	9 1/2 "
Wolf.....	9 1/2 "
E. Cohn.....	8 "
Snosko-Borowski.....	7 1/2 "
Dr. Tarrasch.....	7 1/2 "
Vidmar.....	7 1/2 "
Spielmann.....	7 "
Swideski.....	6 "
Fahrni.....	5 1/2 "
Leonhardt.....	5 1/2 "
Janowski.....	4 "
Przeplorka.....	4 "

A ausencia de Maroczy, do dr. Lasker, de Teichmann, de Blackburne, e outros mestres, tira a este torneio certa importancia e significação.

TORNEIO DE OSTENDE

Houve um erro no quadro final do torneio de Ostende.

Teichmann é que ganhou de Burn. Assim, o resultado final foi:

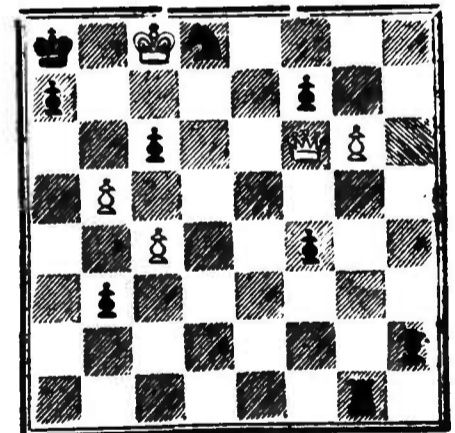
3º premio, Rubenstein, 19 pontos; 4º, 5º e 6º, Burn, Bernstein e Teichmann, 18 pontos.

Neste importante torneio fôram jogadas 317 partidas, das quaes, 166 partidas do P D, 51 Ruy Lopez, 26 partidas francezas, 24 partidas dos 4 cavallos, etc.

PROBLEMA N. 65

A. G. Corrias

PRETAS (9)



BRANCAS (5)

Mate em tres lances

PARTIDA N. 71

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 7 de setembro de 1906)

DEFREZA SICILIANA

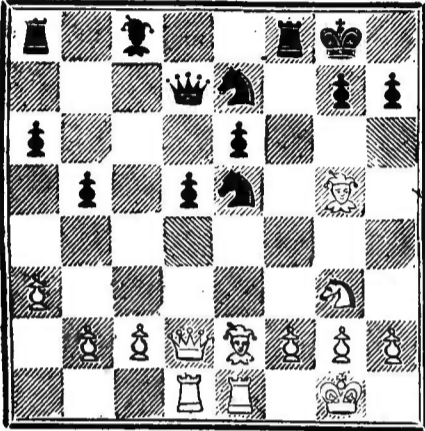
Branças Pretas

(Annibal Pereira) (Q. Bocayuva Jor.)

P 4 R	— 1 —	P 4 B D
C 3 B D	— 2 —	C 3 B D
C 3 B R	— 3 —	P 3 R
P 4 D	— 4 —	P X P

C X P — 5 — B 5 C D
 C 5 C D — 6 — P 3 D (a)
 P 3 T D — 7 — B X C
 C X B — 8 — P 3 T D (b)
 B 2 R (c) — 9 — C R 2 R
 B 5 C R — 10 — Roque
 Roque — 11 — P 4 B R
 D 2 D — 12 — P X P
 C X P — 13 — P 4 D (d)
 C 3 C R — 14 — D 2 D
 T D 1 D — 15 — P 4 C D
 T R 1 R (e) — 16 — C 4 R ? (f)

Depois do 16º lance das Pretas



B X P! — 17 — C 6 B x
 P X C — 18 — P X B
 B X C! — 19 — D X B
 D X P! — 20 — T 2 T

D 3 C — 21 — D 3 B R (g)
 T 3 R — 22 — R 1 T
 D 3 B D — 23 — D 3 C
 T (3 R) 3 D! (h) — 24 — D 4 C R
 P 4 B R — 25 — D 5 T R (i)
 D 2 D — 26 — B 3 T
 T 8 D! — 27 — T D 1 T (j)
 T X T R x — 28 — T X T
 D 6 D (k) — 29 — T 1 T D
 D 6 B D — 30 — T 1 B R
 D X B — 31 — D X P B
 D 6 C — 32 — P 4 T (l)
 T 8 D — 33 — P 5 T
 T X T x — 34 — D X T
 C 4 R (m) — 35 — abandonam

(a) Estão nos livros, não ha duvida, mas o actual lance das Pretas é inferior a C 3 B R, porque enfraquece muito o P D.

(b) As Pretas arreceiam-se da volta do C e assim vão perdendo tempo.

(c) E as Brancas, impassiveis, dentro dos livros.

(d) Que dois plões fraquissimos! Um é muleta do outro.

(e) As Brancas não perdem lances. A disposição do seu jogo já é magnifica.

(f) Isto é um erro imperdoavel de que as Brancas vão se aproveitar com ferocidade.

(g) A defeza das Pretas está inteiramente desorganizada e as Brancas continuam o seu ataque com muita força.

(h) Ameaçando D X B! E si as Pretas jogam T X D, mate em tres lances.

(i) Si 25... D X P, 26 — D X B!

(j) 27... T D 2 B R, dava o mesmo resultado.

(k) Lances estes das Brancas em verdade intuitivos, mas todos muito seguros. Com este vão ganhar necessariamente uma peça.

(l) As Pretas podiam abandonar, mas ainda querem talvez tentar uma possible nullidade.

(m) O sr. Quintino Bocayuva Junior tem aptidões innegaveis e vocação real, mas possui uma verve muito fantasista, o heroismo perigoso dos sacrificios, e o fetichismo das posições. O seu adversario, o sr. Arnibal Pereira, vae perdendo em boa hora estas preoccupações. O seu jogo é hoje do mais seguros e correctos, salvo os descuidos naturaes em quem apenas acaba de saír do noviciado. Tem já uma vigorosa tenacidade é da escola de Tarrasch e Maroczy. E dentro em pouco estará no primeiro plano entre os nossos jogadores.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 64 (F. Reimann): 1—C 4 B D, R 2 B (a); 2—T 7 T D, ? 3 — C ou P mate.

(a) 1... R 2 D; 2 — T 7 T D x, R joga 3 — C ou P mate.

JOSÉ GETULIO.

SALUTACIÓN AL AGUILA

...may this grand Union have no end!

FONTOURA XAVIER

Bien vengas, mágica Aguila de alas enormes y fuertes,
 A extender sobre el sur tu gran sombra continental,
 A traer en tus garras, anilladas de rojos brillantes,
 Una palma de gloria, del collar de la immensa esperanza,
 Y en tu pico la oliva de una vasta e fecunda paz.

Bien vengas, oh mágica Aguila, que amara tanto Walt Whitman,
 Quien te hubiera cantado en esta olimpica jira,
 Aguila que has llevado tu noble y magnifico simbolo
 Desde el trono de Júpiter, hasta el gran continente del norte

Ciertamente, has estado en las rudas conquistas del orbe.
 Ciertamente, has tenido que llevar los antiguos rayos.
 Si tus alas abiertas la visión de la paz perpetúan.
 En tu pico y tus uñas está la necesaria guerra.

¡ Precisión de la fuerza ! ¡ Majestad adquirida del trueno !
 Necesidad de abrirle el gran vientre fecundo á la tierra
 Para que en ella brote la concreción de oro de la espiga,
 Y tenga el hombre el pan con que mueve su sangre.

No es humana la paz con que su eñan ilusos profetas,
 La actividad eterna hace precisa la lucha:
 Y desde tu etérea altura, tú contemplas, divina Aguila,
 La agitación combativa de nuestro globo vibrante.

Es incidencia la Historia. Nuestro destino supremo
 Está más allá del rumbo que marcan fugaces los épocas.
 Y palenque y la la Atlántida no son más que momentos soberbios
 Con que puntúa Dios los versos de su angusto Poema.

Muy bien llega seas á la tierra pujante y ubérrima
 Sobre la cual la Cruz del Sur está, que miró Dante,
 Cuando siendo Mesías, impulsó, en su intuición sus bajeles,
 Que antes que los del sumo Cristóbal supieron nuestro cielo.

E pluribus unum! ¡ Gloria, victoria, trabajo !
 Tráenos los secretos de las labores del Norte,
 Y que los hijos nuestros dejen de ser los retores latinos,
 Y aprendan de los yanquis la constancia, el vigor, el carácter.

Dinos, Aguila ilustre, la manera de hacer multitudes
 Que hagan Romas y Grecias con el jugo del mundo presente,
 Y que, potentes y sóbria, extiendan su luz y su imperio
 Y que teniendo el Aguila y el Bisonte y el Hierro y el Oro,
 Tengan un áureo día para darle las gracias á Dios !

Aguila, existe el Cóndor. Es tu hermano en las grandes alturas
 Los Andes le conocen y saben que, cual tú, mira al Sol.
May this grand Union have no end! dice el poeta.
 Puedan ambos juntarse, en plenitud, concordia y esfuerzo

Aguila que conoces, desde Jove hasta Zarathustra,
 Y que tienes en los Estados Unidos tu asiento,
 Que sea tu venida fecunda para estas naciones
 Que el pabellón admiran constelado de bandas y estrellas

¡ Aguila que estuviste en las horas sublimes de Pathmos
 Aguila prodigiosa, que te nutres de luz y de azul,
 Como una Cruz viviente, vuela sobre estas naciones
 Y comunica al globo la victoria feliz del futuro !

Por algo eres la antigua mensajera jupiterina,
 Por algo has presenciado cataclismos y luchas de razas,
 Por algo estás presente, en los sueños del Apocalipsis,
 Por algo eres el ave que han buscado los fuertes imperios.

¡ Salud, Aguila ! Extensa virtud á tus inmensos revuelos,
 Reina de los azules, ¡ salud ! ¡ gloria ! ¡ victoria y encanto !
 Que la Latina América reciba tu mágica influencia
 Y que renazca un nuevo Olimpo, lleno de dioses y héroes !

¡ Adelante, siempre adelante ! ¡ Excelsior ! ¡ Vida ! Lumbre !
 Que se cumpla lo prometido en los destinos terrenos.
 Y que vuestra obra inmensa las aprobaciones recoja
 Del mirar de los astros, y de lo que Hay más Allá !

RUBEN DARIO

Rio, 1906.
 (De La Nacion)